

Portugal pode "fazer a diferença" no Saara Ocidental ajudando a Frente Polisário

Este artigo tem mais de 1 ano

Representante do movimento de libertação sarauí defende que Portugal pode "fazer a diferença" ao ensinar e indicar a Staffan de Mistura na visita a Lisboa a forma como resolveu o conflito de Timor.

14 set. 2022, 15:23

Oferecer



Agência Lusa
Texto

Portugal “pode fazer a diferença” e ajudar a Frente Polisário na resolução do conflito no Saara Ocidental, defendeu esta quarta-feira o novo representante do movimento de libertação sarauí em Lisboa, em entrevista à agência Lusa.

Omar Mih, na capital portuguesa desde maio deste ano, considerou que a **questão do Saara Ocidental, anexado por Marrocos em 1975, é “um problema de descolonização”,** à semelhança de Timor-Leste.

“São dois problemas de descolonização. Os dois foram invadidos por países vizinhos: Timor pela Indonésia e o Saara Ocidental por Marrocos. E no mesmo ano. E as Nações Unidas defenderam, quer para um quer para outro caso, um referendo de autodeterminação. A situação é exatamente igual”, sustentou Mih, lembrando o papel importante desempenhado então pela diplomacia portuguesa no caso timorense.

“Portugal tem algo muito importante na Constituição: a defesa do direito de autodeterminação dos povos. Portugal também, e isso para nós é uma fonte de orgulho, acompanhou outro conflito similar (Timor-Leste). Levou o processo até ao referendo e à autodeterminação e saiu de cabeça bem erguida”, acrescentou, rejeitando a ideia de que a questão sarauí nada tem a ver com a timorense.

Mih, 66 anos, natural de Smara, capital da província homónima do interior norte do Saara Ocidental, onde nasceu a 01 de fevereiro de 1956, defendeu que o **impasse nas negociações entre Marrocos e a Frente Polisário se deve à intransigência de Rabat em assumir a realização do referendo de autodeterminação,** tal como ficou definido numa resolução do Conselho de Segurança das Nações Unidas em 1991.

Rabat, que controla quase **80 por cento** de um território quase deserto de 266.000 quilómetros quadrados, propõe um plano de autonomia sob a sua soberania. A Polisário, por seu lado, exige o referendo e defende ser altura de o Conselho de Segurança da ONU fazer pressão sobre Marrocos para que este aceite a votação.

Mih, que já foi representante da Polisário em França, Suécia, Itália, Grécia, entre outras funções, realçou que Portugal convidou o enviado especial da ONU para o Saara Ocidental, o diplomata ítalo-sueco Staffan de Mistura (nomeado em 2021), para uma visita de trabalho a Lisboa, ainda sem data marcada, oportunidade que pode aproveitar para “fazer a diferença”.

“Portugal convidou Staffan de Mistura a visitar Lisboa e isso é muito importante. Portugal pode fazer a diferença e pode ensinar e indicar a Mistura a forma como resolveu o conflito de Timor (Leste) transpondo as coisas para a atualidade, mas pensando no futuro. Queremos o apoio de Portugal pois, quando o conflito ficar resolvido, há muitos aspetos para resolver no país, desde a energia à agricultura, aos fertilizantes, a pesca. Queremos Portugal nesse processo”, argumentou.

“Apesar de se dizer que uma andorinha não faz a primavera, Portugal pode ajudar o Saara Ocidental, que tem maior proximidade e de quem é vizinho, pode ajudar nesta solução (de referendo à autodeterminação). Portugal é um país importante para os sarauís. Foram os portugueses os primeiros a encontrar os sarauís. O cabo Bojador. A geografia e a história une-nos”, acrescentou.

Nesse sentido, Mih salientou ser **desejo da Polisário que Portugal possa “acelerar o processo” do referendo de autodeterminação**, pois o movimento de libertação partilha os valores da liberdade e dos direitos humanos.

Mistura tem estado na última semana numa digressão pelos países envolvidos no processo — visitou Marrocos, Mauritânia, Argélia e Tindouf (centro/leste argelino e “sede” da Polisário), tendo nas mãos um convite para visitar Portugal, cuja data está ainda por fixar, tal como disse à Lusa fonte do gabinete do Ministro dos Negócios Estrangeiros português.

Segundo a fonte, Portugal pauta-se pela “defesa intransigente” dos esforços no quadro das Nações Unidas e cujo processo político, acompanhado por Mistura, é “valorizado”.

A fonte realçou que o **convite já endereçado a Mistura para uma visita de trabalho a Portugal “reflete o apoio” de Lisboa** a um processo em que tem, desde sempre, advogado a necessidade de se alcançar uma solução política “justa, duradoura e aceitável para as partes”, em linha com as resoluções do Conselho de Segurança da ONU.

ÁFRICA MUNDO PAÍS TIMOR-LESTE ÁSIA

1

Proponha uma correção, sugira uma pista: observador+lusa@observador.pt



Oferecer